

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A CENTRALIDADE DO TRABALHO E A PARTICULARIDADE DO TRABALHO ABSTRATO EM MARX

Manuella Aragão Pinheiro¹

Rebeca Carolina Santos Maceno²

Reivan Marinho de Souza³

RESUMO

A presente pesquisa busca explicitar a centralidade da categoria trabalho, no âmbito do pensamento de Marx, bem como as particularidades do trabalho abstrato, alienado, peculiar ao modo de produção capitalista. Expõe-se, sucintamente, a ortodoxia quanto ao método marxiano, aspecto central do pensamento do autor e os processos que caracterizam a chamada acumulação primitiva. Explicitam-se os elementos fundantes do trabalho, dos processos de trabalho como processo de trabalho em geral e processo de valorização. Em um movimento de contrafluxo às tendências pós-modernas – que apregoam o fim da sociedade do trabalho, especialmente numa realidade cada vez mais tecnológica, evidencia-se a validade teórica das afirmações marxianas acerca da centralidade do trabalho.

Palavras-chave: Trabalho. Trabalho abstrato. Capitalismo.

ABSTRACT

The present research seeks to clarify the centrality of the category of Labor within Marx's thought, as well as the particularities of abstract labor, alienated, specific to the capitalist mode of production. It briefly presents the orthodoxy regarding Marx's methodology, a central aspect of the author's thought, and the processes that characterize the so-called primitive accumulation. The foundational elements of labor are made explicit, as well as the processes of labor as a general process and a process of valorization. In a counterflow to postmodern tendencies that proclaim the end of the society of labor, especially in an increasingly technological reality, the theoretical validity of Marx's assertions regarding the centrality of labor becomes evident.

Keywords: Labor. Abstract labor. Capitalism.

¹ Universidade Federal de Alagoas; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco e Assistente Social da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas; manuella.pinheiro@fssso.ufal.br.

² Universidade Federal de Alagoas; Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas e bolsista de iniciação científica; rebeca.maceno@fssso.ufal.br.

³ Universidade Federal de Alagoas; Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco e Professora Associada da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas; reivan.souza@fssso.ufal.br.

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



1 INTRODUÇÃO

Atualmente, é recorrente o debate acerca do futuro do trabalho. Estaria este em vias de superação, graças aos desenvolvimentos tecnológicos? Discussões como estas ganharam fôlego especialmente a partir do século XX e se espraiam até os dias de hoje. Ao assumir esse tema¹ como objeto de estudo², a reflexão aqui proposta busca, sob o crivo da crítica, resgatar os fundamentos ontológicos do trabalho e da reprodução capitalista, de maneira a explicitar a atualidade da afirmação marxiana acerca da centralidade do trabalho no mundo dos homens³.

Neste sentido, o objetivo desta produção é buscar em Marx os fundamentos que permitem apreender o caráter ontológico do trabalho, bem como a forma que este assume na sociabilidade capitalista: trabalho alienado, abstrato. Ademais, procura-se, também, apreender tanto os processos que estabelecem as condições para a universalização do trabalho abstrato, quanto o duplo caráter do trabalho representado na mercadoria – como processo de trabalho e processo de valorização.

Para realizar tal objetivo, recorre-se à pesquisa bibliográfica com fundamento na teoria social crítica. Em especial, foram utilizadas obras de Marx e de autores marxistas, no intuito de apreender o sentido ontológico do trabalho – isto é, o trabalho enquanto intercâmbio do homem com a natureza, enquanto atividade fundante do ser social – e a discussão acerca do trabalho alienado, forma determinante do trabalho na sociedade capitalista. Destaca-se, assim, o processo de acumulação primitiva (MARX, 1996) que culmina no firmamento da relação capital x trabalho, de modo que o capital se espraia e domina todas as esferas da vida, subvertendo, tal como apontado por Melo (1999), o sistema social que existia até então. Reafirma-se que o processo de trabalho no capitalismo é tanto processo de produção, tal como em todas as outras sociedades, como também é processo de valorização, caracterizando sua peculiaridade.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



2 A CENTRALIDADE ONTOLÓGICA DO TRABALHO EM MARX

De forma breve, é conveniente apresentar aqui os três pilares fundantes do pensamento marxiano, quais sejam: o primeiro é o método de conhecimento materialista, histórico e dialético. O materialismo histórico-dialético constitui a primeira fonte do pensamento marxiano realizado a partir da crítica da filosofia alemã, com a incorporação da dialética hegeliana mais a superação radical do seu caráter idealista, haja vista que, para Hegel, o processo do pensamento, das ideias, é o criador do real; o segundo é o desvelamento das bases materiais do modo de produção capitalista em sua generalidade, especificidades e contradições. A partir das contribuições oriundas da economia política inglesa (especialmente de Adam Smith e de David Ricardo), Marx funda a crítica da economia política com base nas teorias do valor-trabalho e da mais-valia; e o terceiro pilar está constituído a partir da crítica ao socialismo utópico francês, pois Marx estabelece os fundamentos do socialismo científico, ou seja, um conhecimento que atinja os fundamentos do capitalismo, de modo a possibilitar sua crítica radical, visando à sua transformação. Portanto, uma perspectiva revolucionária, de transformação social, engajada com as lutas das classes trabalhadoras.

Por meio desses fundamentos, Lukács (1974) aponta mais um aspecto central do pensamento marxiano, a saber: a ortodoxia quanto ao método. Assim, para este autor, a ortodoxia refere-se exclusivamente ao método. Tal afirmação contrapõe-se radicalmente ao dogmatismo que transforma o marxismo em doutrina, regras, formulações fechadas e sagradas e, neste sentido, as variadas vertentes e produções (mesmo que por caminhos distintos) afirmam o método como garantia da verdade. Ainda de acordo com Lukács (1974), o método particulariza-se pela relação dialética do sujeito e do objeto no processo da história, partindo da realidade concreta e buscando superar a mera aparência fenomênica a fim de conhecer a essência, que, pela natureza do objeto social, é necessariamente histórica. Logo, não estando o objeto isolado de determinações em movimento, torna-se necessário desvendar a

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

relação deste com a totalidade, compreendendo-o por mediações capazes de estabelecer os nexos que concebiam o objeto não como fatos isolados. Desta forma, um conhecimento mais aprofundado acerca do objeto significa saturá-lo com determinações, o que resulta em um conhecimento mais denso. Nessa direção, conforme salienta Lukács (1974), o método é revolucionário. Assim, a ortodoxia “implica a convicção científica de que, com o marxismo dialético, foi encontrado o método de investigação correto [...]” (LUKÁCS, 1974, p. 64). Logo, a caracterização do fundamento da ortodoxia marxista radica na aplicação de seu método de conhecimento, qual seja: o materialismo histórico e dialético.

Há, na obra de Marx, um pensamento que busca se apropriar da realidade concreta, de maneira a demarcar seu caráter essencialmente ontológico. A ontologia elaborada por Marx encontra-se na base de sua obra, implicando uma crítica radical à ordem burguesa, na perspectiva da transformação social posta pelo proletariado. É, pois, a ontologia que estuda as determinações mais gerais do ser, que determina e fundamenta o método. Nessa direção, para Lukács (1974), tomando como solo o pensamento marxiano, o real é o critério da verdade e não o método. São as determinações do objeto – seja este mais particular ou do ser em sua dimensão mais universal – que determinarão os procedimentos metodológicos mais apropriados para o seu desvelamento.

O procedimento marxiano traz o conceito ontológico da práxis, qual seja, a articulação entre subjetividade e objetividade, com a regência desta última, e que não tem como ponto de partida uma forma avançada e determinada do ser social; ao contrário, busca-se a gênese do ser social, o ato fundante da sociabilidade. Dessa forma, Marx (1983) identifica o trabalho⁴ como categoria ontologicamente fundante do ser social e elemento eliminável da sociabilidade humana, haja vista que é o ato de transformar a natureza como condição de sobrevivência que se caracteriza como o primeiro ato dos indivíduos concretos. Por meio do trabalho, o homem usa de sua corporeidade para agir sobre a natureza e, assim, satisfazer às suas necessidades. Nessa ação, modifica ao mesmo tempo não somente o mundo objetivo, mas também

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



a si mesmo. Nas palavras de Marx (1996, p. 297): “Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio”.

É, portanto, a partir da análise do trabalho que também procede a comprovação de que o homem é um ser radicalmente histórico. Para tal, Marx (1983) apreende que a natureza fundamental do processo social é, simultaneamente, uma e múltipla, permanente e mutável, essência e aparência, de modo a compor uma unidade indissolúvel. Pois os atos singulares originam elementos que se caracterizam mais pela unidade e continuidade, e outros mais pela heterogeneidade e mutabilidade. E, por essa razão, o homem possui uma essência articulada com as diversas formas de manifestações imediatas, ambas historicamente determinadas e igualmente distintas. Neste sentido, a essência se caracteriza por expressar a unidade e identidade do social e, por esse motivo, podemos falar em gênero humano. A aparência, que se expressa enquanto fenômeno, é o que manifesta a diversidade e mutabilidade do mesmo ser.

Logo, a transformação objetiva da natureza, por meio do trabalho, é mediada por um ato consciente, sendo apenas o homem capaz de agir conscientemente, dirigindo teleologicamente para uma finalidade. A prévia-ideação é o momento que antecede a ação e que, portanto, torna possível a concepção das ações a serem realizadas. É um momento abstrato, em que se confrontam passado, presente e futuro, necessitando de uma objetivação (conversão da prévia-ideação em algo novo). A objetivação é o processo de transformação da causalidade natural (natureza) em uma causalidade posta. Assim, a teleologia é a capacidade de o homem operar conscientemente para estabelecer determinados fins. E a causalidade, por caracterizar a própria natureza, é regida por leis que independem da consciência. Assim, a essência do trabalho é uma peculiar e exclusiva articulação entre teleologia e causalidade porque apenas no mundo dos seres sociais – ou seja, apenas no interior dos atos humanos – é que a teleologia se faz presente, segundo Lessa (1999).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Outros elementos essenciais, que Marx (1996, p. 298) destaca como simples, do processo de trabalho, são objetos e meios de produção. Os objetos podem ser já pré-existentes na natureza, ou seja, tudo o que se retira da terra, ou matérias-primas, isto é, objetos que já tiveram trabalho sobre eles. Já os meios de produção são tudo aquilo que realiza a mediação entre o ato do trabalho e o objeto; portanto, são por meio deles que o trabalho se realiza. No fim do processo de trabalho, tem-se o trabalho objetificado, um produto que já existia idealmente, mas que, agora, ganha concretude. Esses produtos podem ser eles mesmos matéria-prima, meios de trabalho ou ambos para novos processos de trabalho, a depender da posição que ocupa neste. É, porém, por meio do trabalho vivo que os produtos ganham vida, já que “O trabalho vivo deve apoderar-se dessas coisas, despertá-las dentro os mortos, transformá-las de valores de uso apenas possíveis em valores de uso reais e efetivos” (MARX, 1996, p. 302). Dessa forma, esses produtos se realizam enquanto valores de uso, partes de um novo processo de trabalho que originará, ele próprio, novos produtos. Logo, é o trabalho vivo que faz florescer a potencialidade desses produtos mortos, fruto de trabalho anterior. Para Marx (1996, p.302), o processo de trabalho, por fim, é um processo de consumo, mas de um consumo produtivo, em que força de trabalho e meios de produção são consumidos para dar origem a algo totalmente novo.

Marx (1996), especialmente na obra “O Capital”, aborda tanto o trabalho em sua dimensão comum a todas as sociedades – tal como da forma supraexposta, desvelando seu caráter universal, portanto, presente em todas as formações sociais – quanto o trabalho no capitalismo, abstrato, assalariado. Neste sentido, o aspecto decisivo no estudo de qualquer categoria (particular ou universal) é a descoberta da processualidade histórica, “que articula a sua gênese com a sua configuração presente. Conhecer o objeto significa também conhecer o processo histórico que lhe consubstancia - e não apenas a sua forma presente, como se esta não possuísse história” (LESSA, 2013, p. 9).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



3 A PROCESSUALIDADE HISTÓRICA DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA: A REGÊNCIA DO TRABALHO ABSTRATO

Para dar seguimento ao raciocínio proposto, retomam-se, brevemente, as considerações gerais do modo de produção capitalista, bem como seu processo de constituição, que tem como ponto de partida uma “acumulação primitiva”, a gênese da acumulação capitalista, a qual “pressupõe a mais-valia, a mais-valia a produção capitalista, e esta, por sua vez, a existência de massas relativamente grandes de capital e de força de trabalho nas mãos de produtores de mercadorias” (MARX, 1996, p. 339). Assim, a acumulação primitiva representa o processo histórico de constituição das classes fundamentais do capitalismo. Logo, “ele aparece como ‘primitivo’ porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde” (MARX, 1996, p. 340).

A Inglaterra, como exemplo clássico desse processo, conforme destacado por Marx (1996), realizou de forma violenta e cruel a expropriação dos meios de produção dos servos, dos camponeses – classe esta que produzia a riqueza social –, bem como a expulsão da sua base fundiária feudal, transformando-os em uma massa de trabalhadores livres, impulsionando à classe capitalista em formação. Logo, os processos que resultarão no contingente de trabalhadores livres começam a germinar ainda no sistema feudalista. Consoante Marx (1996), no final do século XIV já não havia mais servidão na Inglaterra, e a maior parte dos servos agora eram arrendatários e camponeses livres. Contudo, a partir do século XV, impulsionados pelo desenvolvimento da manufatura de lã, os senhores feudais começam a expulsar os camponeses de suas terras, iniciando-se assim um processo violento de expropriação de terras.

Marx (1996) apreende da seguinte forma os processos de expropriação:

O roubo dos bens da igreja, a fraudulenta alienação dos domínios do Estado, o furto da propriedade comunal, a transformação usurpadora e executada com terrorismo inescrupuloso da propriedade feudal e clânica em propriedade privada moderna, foram outros tantos métodos idílicos da acumulação primitiva. Eles conquistaram o campo para a agricultura

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



capitalista, incorporaram a base fundiária ao capital e criaram para a indústria urbana a oferta necessária de um proletariado livre como os pássaros. (MARX, 1996, p. 355)

Ademais, a disciplinação dos camponeses⁵, a constituição do mercado interno *pari passu* ao colonialismo, o sistema de dívidas públicas, bem como o sistema tributário e protecionista (MARX, 1996) constituem-se como momentos fundamentais da acumulação primitiva, de modo a possibilitar a expansão e a dominação do capital por distintas esferas da vida social, determinando as relações de produção e reprodução social. Tem-se, dessa forma, a constituição e emergência de trabalhadores livres – uma classe que possui apenas sua própria força de trabalho para vender – e a burguesia, detentora dos meios de produção, da propriedade privada e da produção da riqueza social, consolidando-se enquanto classe dominante.

É precisamente na sociedade capitalista que a força de trabalho é transformada em mercadoria, comprada por meio de salário. A partir disso, as relações sociais estão condicionadas a esse elemento: compra e venda – tudo passa a se constituir em mercadorias e, neste sentido, as relações sociais são convertidas em relações mercantis. A mercadoria é, portanto, portadora de valor de uso por sua utilidade, por satisfazer necessidades humanas diferenciadas; logo, é no valor de uso que está condensado o conteúdo material da riqueza social. No capitalismo, além de portadoras de valor de uso, as mercadorias portam também valor de troca, o que passa a mover a dinâmica dos lucros, alicerçando a reprodução do capital. É justamente nesse ser duplo da mercadoria que radica o duplo caráter do trabalho na sociedade capitalista, a saber: o trabalho concreto (os modos concretos dos trabalhos que criam valores de uso) e o trabalho abstrato. A rigor,

por trabalho abstrato deve-se entender uma forma histórica de igualação ou socialização dos diversos trabalhos privados, que se realizam independentemente uns dos outros. Na forma social capitalista, porque os homens se defrontam como produtores privados de mercadorias, seus produtos só podem participar do sistema de realização das necessidades sociais mediante a troca. Ao trocarem seus produtos uns pelos outros os produtores estão, na verdade, igualando entre si seus diferentes trabalhos, embora disso não tenham consciência. (TEIXEIRA, 1995, p. 71).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Decerto, o trabalho é a substância social presente em todas as mercadorias e, por essa razão, expressa as proporções em que as mercadorias podem ser trocadas umas pelas outras. Marx (1983, p. 47) ressalta: “Deixando de lado então o valor de uso dos corpos das mercadorias, resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho”. É, portanto, no processo de troca que se igualam as mercadorias. “O que essas coisas ainda representam é apenas que em sua produção foi despendida força de trabalho humano, foi acumulado trabalho humano” (MARX, 1983, p. 47).

Logo, é pela quantidade de trabalho objetivado, materializado, que se determina a grandeza do valor da mercadoria. O valor é medido em *quantum* de trabalho, ou quantidade de trabalho socialmente necessária para que haja a produção de um determinado valor de uso. Assim, cada produto é fruto de um processo de trabalho, é a objetificação do trabalho. Nos produtos estarão contidas não só a quantidade de trabalho despendida pela força de trabalho para a sua produção, mas também a quantidade de trabalho anteriormente gasto na matéria-prima e a quantidade gasta pelos meios de produção necessários à sua produção.

Dessa forma, determinada quantidade de trabalho socialmente necessária para a produção de um produto equivalerá a um determinado valor em dinheiro. É justamente o fato de que em cada produto foi dispensada uma certa quantidade de trabalho que permite equivalê-los e, portanto, realizar a troca entre dois produtos qualitativamente diferentes, já que ambos foram reduzidos ao fator que têm em comum, qual seja, serem ambos frutos de trabalho, apagando-se, assim, as diferenças qualitativas e de suas naturezas. Também é importante destacar que o tempo de trabalho a ser considerado é socialmente necessário, ou seja, em termos médios.

É possível observar como ocorre o processo de criação de valor, ao seguir o exemplo exposto por Marx (1996):

suponhamos que para a transformação de 10 libras de algodão em 10 libras de fio se gastam 6 horas de trabalho, que equivalem a 3 xelins, soma-se o valor do algodão e dos fusos, 12 xelins, que equivalem a dois dias de trabalho. Temos então que no fio estão contidos dois dias e meio de trabalho,

PROMOÇÃO



APOIO



no valor de 15 xelins. O espantoso é que o valor gerado não é senão o mesmo valor gasto pelo capitalista desde o princípio para a realização do processo de trabalho, seu capital não se valorizou, não houve valor novo. (MARX, 1996, p. 308-309).

Outrossim, é essencial apreender que há uma diferença fundamental entre valor de uso da força de trabalho e seu valor de troca, já que

[...] o trabalho passado que a força de trabalho contém, e o trabalho vivo que ela pode prestar, seus custos diários de manutenção e seu dispêndio diário, são suas grandezas inteiramente diferentes. A primeira determina seu valor de troca, a outra seu valor de uso. O fato de meia jornada seja necessária para mantê-lo vivo durante 24 horas não impede o trabalhador, de modo algum, de trabalhar uma jornada inteira. O valor da força de trabalho e sua valorização no processo de trabalho são, portanto, duas grandezas distintas (MARX, 1996, p. 311)

Verifica-se que o valor de troca da força de trabalho é o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção dos seus meios de subsistência, no exemplo supraexposto, 6 horas de trabalho, que se expressam em 3 xelins. O valor de uso dessa força, porém, é algo que só o trabalho vivo pode realizar, isto é, criar valor novo. E este é criado na medida em que o homem acaba por trabalhar mais tempo do que o necessário para sua reprodução. Ressalta-se aqui que o salário recebido só representa uma parte do valor que o trabalhador produziu durante sua jornada de trabalho. Neste sentido, o valor da força de trabalho é proporcional à quantidade de trabalho necessário para produzir o salário – e não todo o valor que o trabalhador é capaz de produzir em uma dada jornada de trabalho.

Portanto, a mais-valia surge ainda no processo de produção, sendo realizada no processo de circulação, tal como destacado por Marx (1996). Assim, desvela-se como é realizado o processo de trabalho no capitalismo, sendo tal processo não apenas de criação de valores de uso, mas também – e, principalmente – de valores de troca, de mercadorias, e, como tal, também um processo de valorização. É do trabalho vivo e de sua capacidade de criar valor novo que o lucro – o objetivo principal do capital – pode existir.

Marx (2015), a partir dessas determinações mais gerais do trabalho abstrato, assalariado, forma predominante no capitalismo, destaca sua atividade desumana,



alienada⁶, já que o trabalhador se relaciona com o produto do seu trabalho como sendo um objeto estranho, alienado. Isso porque o produto não pertence àquele que o produziu, mas sim a um outro, confrontando o seu criador enquanto algo alienado, assim, “[...] quanto mais o trabalhador se esforça (*ausarbeits*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alienado, que ele cria perante a si próprio; quanto mais pobre se tornam ele próprio [e] o seu mundo interior, tanto menos ele possui” (MARX, 2015, p. 305).

Neste sentido, apesar de ser o trabalhador aquele que produz a riqueza, a objetificação de seu trabalho é, para ele, algo hostil, aquilo que o domina e o subordina, afinal, pertence a um outro. O próprio mundo objetivo, construído por ele, volta-se para ele enquanto um mundo alienado, já que quanto mais ele produz, mais se empobrece. Mas, o objeto de trabalho é, ele mesmo, resultado de um processo que já é em si alienado, isto é, a forma de trabalho alienado, da qual não somente não realiza o homem, mas é, tal como põe Marx (2015, p. 308), “a negação de sua essência, do qual o homem se sente tal como um animal realizando-o”.

Logo, alienado da natureza e de sua atividade vital, o homem está também alienado do seu próprio gênero, pois

em primeiro lugar, o trabalho, a atividade vital, a própria vida produtiva, aparecem ao homem apenas como um meio para a satisfação de uma necessidade, da necessidade da manutenção da existência física. Mas a vida produtiva é a vida genérica. É a vida que gera vida. No modo de atividade vital reside todo o caráter de um species, o seu caráter genérico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem. A própria vida aparece apenas como meio de vida (MARX, 2015, p. 311)

À vista disto, na medida em que o homem realiza o trabalho somente enquanto atividade que o permite subsistir, satisfazer às suas necessidades físicas, o caráter genérico do trabalho vai se tornando, portanto, alienado. A atividade que o homem realiza de maneira livre e consciente, que o permite interagir com o mundo objetivo, modificá-lo e, nesse processo, tornar-se um ser cada vez mais genérico, mostra-se a ele somente enquanto meio de sobrevivência. Logo, se perde a genericidade do trabalho enquanto atividade que faz do homem gênero humano aparecer somente

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



enquanto meio de vida individual, o homem se aliena do seu próprio gênero. Assim, alienados do trabalho, do produto de seu trabalho e de seu gênero, os homens estarão também alienados uns dos outros, afinal, o trabalhador realiza o trabalho para um outro, e é a este outro a quem o fruto do trabalho pertence.

Por fim e em síntese, o trabalho abstrato possui uma intrínseca relação com o trabalho assalariado, condição fundamental que garante ao capitalista extrair mais-valia e serve também como mecanismo de exploração do trabalhador. Apesar de o trabalho estar subsumido ao trabalho abstrato, não há uma relação de identidade entre eles, apenas uma relação de alienação. O trabalho tem como função social transformar a natureza em valores de uso, condição que garante a sobrevivência e a reprodução do homem e da sociedade; o trabalho abstrato, por sua vez, é tão somente uma particularidade do trabalho próprio do capitalismo, cuja finalidade é a produção de mais-valia em detrimento das necessidades humanas.

4 CONCLUSÃO

O trabalho como categoria ontológica, fundante do ser social, intercâmbio orgânico do homem com a natureza, é mediação imprescindível da existência humana. Neste sentido, sobre essa concepção marxiana se assentam a concepção de história como construção humana e a crítica radical do trabalho abstrato, alienado, assalariado, que não corresponde a qualquer essência a-histórica dos homens, podendo, portanto, ser superado.

Assim, a partir desse conhecimento acerca dos fundamentos ontológicos do trabalho, dos processos de trabalho como processo de trabalho em geral e processo de valorização, dos meios de produção, objetiva-se centrar a próxima pesquisa na função da tecnologia – desde sua origem e função na produção da riqueza material e na acumulação capitalista – e do debate teórico contemporâneo que polemiza acerca da categoria trabalho como fundante da vida social.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Por fim, destaca-se que é precisamente na teoria social de Marx que se encontram os fundamentos de uma forma radicalmente nova de produzir conhecimento científico, cuja função social é a luta anticapitalista, sendo o mais eficaz instrumento teórico direcionador da transformação social. Por essa razão, tal teoria representa a perspectiva da classe trabalhadora, sujeito determinante da transformação da realidade social.

REFERÊNCIAS

LESSA, Sergio. Lukács, ontologia e método: em busca de um/a pesquisador/a interessado/a. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.141-173, 1999.

LESSA, Sergio. Lukács: o método e seu fundamento ontológico. *In*: MONTAÑO, Carlos; BASTOS, Rogério Lustosa. **Conhecimento e Sociedade, ensaios marxistas**. São Paulo: Editora Outras Expressões, 2013.

LESSA, Sergio. Alienação e Estranhamento. *In*: MARX, Karl. **Caderno de Paris & Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 449-491.

LUKÁCS, Georg. O que é o Marxismo Ortodoxo? *In*: LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. Porto: Publicações Escorpião, 1974. p. 63- 104.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro primeiro. Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas).

MARX, Karl. **O Capital**. V. 1, Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl. Caderno II e Caderno III – Manuscritos econômicos- filosóficos de 1844. *In*: MARX, Karl. **Caderno de Paris e Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 323-420.

MELO, Alex Fiuza de. A Acumulação Originária. *In*: MELO, Alex Fiuza de. **Marx e a globalização**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. p. 21-50.

SEMERARO, Giovanni. A Concepção de “Trabalho” na Filosofia de Hegel e de Marx. **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 27, n. 53, p. 87-104, jan./jun. 2013.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



¹ Esse texto apresenta os resultados do 1º ciclo de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) 2022-2023, sob o tema “Centralidade da categoria trabalho x desenvolvimento tecnológico nos processos produtivos capitalistas”, que compõe o projeto de pesquisa “Formas de Controle, Tecnologia e Precarização do trabalho na era digital” e integra o Grupo de Pesquisa sobre Reprodução Social vinculado ao PPGSS e à FSSO/UFAL.

² Dialoga com parte dos estudos de doutoramento em andamento na Universidade Federal de Pernambuco, intitulado “Incorporação das TICs nos serviços: tendências da plataformização do trabalho no Brasil contemporâneo”.

³ Refere-se ao ser humano genérico, conforme apregoa a teoria social de Marx.

⁴ “O próprio Marx observa que Hegel foi o primeiro a evidenciar o valor social do trabalho e o seu caráter histórico em oposição à concepção naturalista e a-histórica dos economistas burgueses. Ainda que voltado para o desenvolvimento do espírito, Hegel mostrava que a objetivação material é essencial para o homem, uma vez que por meio dela forja a si mesmo e se constitui em sociedade”. (SEMERARO, 2013, p. 94).

⁵ “Assim, o povo do campo, tendo sua base fundiária expropriada à força e dela sendo expulso e transformado em vagabundos, foi enquadrado por leis grotescas e terroristas numa disciplina necessária ao sistema de trabalho assalariado, por meio do açoite, do ferro em brasa e da tortura”. (MARX, 1996, p. 358).

⁶ “Quando as relações sociais se tornam entraves ao desenvolvimento humano, passam a ser uma relação social (criada, portanto, pelos humanos) que é a anti-humana, desumana. São desumanidades criadas e reproduzidas pelos próprios humanos, são desumanidades socialmente postas. Isto é, em Marx, a alienação: uma desumanidade socialmente posta”. (LESSA, 2015, p. 479).

PROMOÇÃO



APOIO

